

Crenças e atitudes linguísticas: um estudo de caso em comentários do Facebook

Language beliefs and attitudes: a case study in Facebook comments

Anesio Marcilio dos Santos Pereira^{1*}
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife, Pernambuco, Brasil

Marcela Moura Torres Paim^{2**}
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife, Pernambuco, Brasil

Resumo: São nas redes sociais que hoje podemos observar várias propagações da noção de erro, que vão desde comentários até publicações jogosas, visto que são nesses lugares de interação virtual que muitos indivíduos se aproveitam para corrigir a escrita de outros usuários e levar adiante a homogeneidade da língua. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar e descrever as crenças e atitudes linguísticas manifestadas através de comentários de internautas da rede social Facebook. Este trabalho justifica-se pela necessidade de analisar e refletir como as crenças de alguns internautas influenciam a sua atitude linguística frente à variação linguística encontrada na escrita de outros usuários na rede em questão. A pesquisa é de natureza explicativa e abordagem qualitativa, tendo como *corpus* imagens com publicações e comentários coletados de páginas do Facebook “Erro de digitação”, “Português dominado” e “Português só para quem gosta”. Conclui-se que, diante das variações linguísticas expressas no Facebook, há grande incidência do preconceito linguístico advindo de atitudes negativas de indivíduos que inferiorizam, estigmatizam e desprestigiam a variante utilizada por outros indivíduos.

Palavras-chave: Língua. Variação linguística. Preconceito linguístico.

Abstract: It is in social networks that we can observe several propagations of the notion of error, ranging from comments to jocular publications, since it is in these places of virtual interaction that many individuals take advantage to correct the writing of other users and carry forward the homogeneity of the language. In this sense, this paper aims to analyze and describe the linguistic beliefs and attitudes manifested through comments from Internet users of the social network Facebook. This work is justified by the need to analyze and reflect on how the beliefs of some Internet users influence their linguistic attitude towards the linguistic variation found in the writing of other users on the network in question. The research is of an explanatory nature and qualitative approach, having as corpus images with posts and comments collected from some pages on the social network Facebook. It is concluded that in face of the linguistic variations expressed on Facebook, it is noted with great incidence the linguistic prejudice arising from negative attitudes of individuals who inferiorize, stigmatize and discredit the variant used by other individuals.

Keywords: Language. Linguistic Variation. Linguistic Prejudice

* Estudante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagens a nível de mestrado da *Universidade Federal Rural de Pernambuco* (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: anesio.marcilio@hotmail.com.

** Doutora em Letras pela *Universidade Federal da Bahia*. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagens da *Universidade Federal Rural de Pernambuco* (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: marcela.paim@ufrpe.br.

1 INTRODUÇÃO

É por meio da língua que vários indivíduos concretizam suas interações diárias, fato que a torna um aspecto essencial do ser humano. Assim, a funcionalidade da língua, hoje, não se restringe a tão somente servir de ponte para a comunicação dos indivíduos, mas, em alguns casos, torna-se elemento de identificação tanto de um indivíduo, como de um grupo. Além disso, por meio da língua, os indivíduos podem conhecer profundamente uma sociedade, dado o fato de que língua e sociedade possuem laços estreitos entre si. Assim, são nos momentos de interações dos indivíduos, através da língua, que os falantes transmitem suas crenças, ideologias, compreendem inúmeros fatores sociais, assim como transmitem, também, a sua identidade através da sua fala, o que faz da língua um aspecto imprescindível na vida dos indivíduos.

Nesse viés, é patente que a sistematização linguística nasce com as primeiras descrições sistemáticas da língua grega no antigo Egito, mais precisamente em Alexandria, no século III a.C, como expõe Bagno (2007). Com essa sistematização, surgiu, também, a noção de “erro”, noção esta que perpassou dias, anos e séculos, perdurando até a atualidade. Dessa forma, a noção de erro, hoje, está arraigada tanto nos estudos linguísticos, como também na própria sociedade, levando muitas pessoas ao equívoco de que a língua corresponde a tão somente aos fenômenos gramaticais, e que a noção de “certo” ou “errado” deve prevalecer como forma de manter e preservar a língua nacional.

Nesse sentido, são nas redes sociais que, atualmente podemos observar várias propagações da noção de erro, que vão desde comentários até publicações jocosas, visto que são nesses lugares de interação virtual que muitos indivíduos se aproveitam para corrigir a escrita de outros usuários, e levar adiante, ainda que de forma indireta, a homogeneidade da língua. Assim, se de um lado as redes sociais nos proporcionam entretenimento e interação com outros indivíduos, do outro ela nos revela um lado que marginaliza parcela da sociedade, tomando como base um normativismo que prega a homogeneização da língua, extinguindo e deixando à margem da sociedade todas as variantes não padrão da língua portuguesa.

Nesse viés, não é difícil deparar-se com comentários julgando, menosprezando e, por vezes, insultando outros usuários devido a sua forma de escrita não condizer com a variedade padrão. Como também, hoje há várias páginas em diversas redes sociais que são criadas com o intuito de satirizar e disseminar os mais diversos preconceitos a pessoas que cometem desvios gramaticais, seja na fala ou na escrita, reduzindo os diversos contextos e as infinitas possibilidades de uso da língua a uma única variante, sendo esta a variante padrão.

Nesse contexto, diante de um mundo que vive em constante processo de estratificação social, os falantes de variedades linguísticas não prestigiadas são alocados no nível mais baixo dessa estratificação, em outros termos, os falantes que utilizam as variantes desprestigiadas sempre são alvos de preconceito, tanto social como linguístico, uma vez que quando se julga, é julgado quem fala ou escreve, e também o que é escrito ou falado. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar e descrever as crenças e atitudes linguísticas manifestadas através de comentários de internautas da rede social

Facebook, com o intuito de evidenciar as reações subjetivas desses falantes diante das variações linguísticas da língua portuguesa.

Dessa forma, estudar as crenças e as atitudes linguísticas dos falantes é uma forma significativa de compreender o funcionamento da língua. Isso porque ela também está sujeita à valoração negativa ou positiva, o que pode interferir no processo de variação e mudança linguística. A escolha dessa rede social se deu pelo fato de que nela muitos usuários podem criar páginas de interação com os mais diversos objetivos, assim como, ainda hoje, muitos usuários a usam nas suas interações virtuais, seja através de publicações ou nos comentários dessas publicações. Assim, este trabalho justifica-se pela necessidade de analisar e refletir como as crenças de alguns internautas influenciam a sua atitude linguística frente à variação linguística encontrada na escrita de outros usuários na rede social Facebook.

2 LÍNGUA E VARIAÇÃO

Em estudos recentes, diversos autores têm se dedicado a uma variedade de temáticas relacionadas com as redes sociais, como, por exemplo, Bezerra e Pimentel (2016) analisa as práticas discursivas em comentários do Facebook, levando em consideração o normativismo e preconceito linguístico. Silva e Karim (2019) analisa as práticas de língua(gem) de internautas na página “Língua Portuguesa” da rede social Facebook para verificar de que modo o preconceito e o normativismo linguístico se constituem nas posturas adotadas pelas pessoas que frequentam o ambiente da página. Silva e Souza (2020) identifica e analisa, no contexto das redes sociais digitais, crenças e atitudes linguísticas em relação aos usos linguísticos não prescritos pela norma padrão. Souza (2022) objetiva interpretar como o preconceito linguístico é revelado nos comentários dos internautas no Instagram.

Nesse contexto, no que se refere à língua, sempre foi objeto de estudo devido a toda complexidade que dela faz parte. Assim, falar em língua pode abranger diversas conotações distintas, levando em consideração que muitos teóricos se dedicaram a pormenorizá-la e defini-la, chegando, assim, a alguns conceitos do que é língua. Nesse viés, não há como falar de língua sem falar de linguagem, pois sabemos que a linguagem é a capacidade que o ser humano tem de produzir, desenvolver e manifestar a língua, fato que é corroborado por Martelotta (2011), que ressalta que linguagem diz respeito à habilidade, isto é, à capacidade que os seres humanos possuem para se comunicar por meio da língua. Segundo Fiorin (2002, p. 9): “[...] sem conhecer a linguagem, não há como conhecer o homem.” Dessa forma, referente às concepções de língua(gem), Geraldi (1984) ressalta que são: linguagem como expressão do pensamento; como instrumento de comunicação e como forma de interação.

A linguagem como expressão do pensamento, estudada por alguns teóricos como Chomsky, (1976); Vygotsky, (1989); Searle, (1969), como o próprio nome denuncia, “exprime o pensamento”. Ainda que haja estudos aprofundados no campo da Linguística, muitos indivíduos, ao tentar definir a linguagem chegarão à conclusão de que a linguagem é a expressão do pensamento, isto porque o texto e o discurso, nesse caso, são vistos como um produto acabado, exprimindo, assim, a representação mental de cada indivíduo.

Portanto, a língua é concebida nesta concepção como um simples instrumento de exteriorização do pensamento, mais que isso, é concebida como um simples sistema, uma vez que o domínio da escrita está relacionado ao raciocínio lógico, pois exprime o que está na mente, tomando o processo linguístico como individualizado sem levar em consideração o contexto social.

No que diz respeito à concepção de linguagem como instrumento de comunicação, a língua é concebida como um código, sendo a teoria da comunicação a base dessa concepção. Nesse viés, a língua é um conjunto de signos que se combinam entre si através de regra internas ao sistema linguístico, ou seja, os signos são utilizados para transmitir uma mensagem ao receptor. Alguns teóricos que compartilham dessa teoria é Saussure (2006) e Bloomfield (1976), que desenvolveram estudos voltados para a língua enquanto sistema autônomo. Essa concepção de linguagem leva em consideração a variante padrão da língua, fazendo com que as outras variantes sejam descartadas em função da Norma Padrão, já que é ela que nessa concepção de linguagem será responsável por transmitir a mensagem e desenvolver a oralidade e a escrita nos indivíduos. Nota-se que essa concepção está inteiramente ligada ao Estruturalismo, assim como também ao Transformacionalismo, que se preocupa com as formas abstratas da língua, bem como à Teoria da Comunicação, que concebe a língua como um mero código linguístico.

A concepção de língua como interação tem se pautado nos estudos do Círculo de Bakhtin que contrapôs as demais concepções, pois ele defende a língua dinâmica e viva. Assim, dentro dessa concepção, é no processo de interação verbal e social que os indivíduos compartilham conhecimento e o contexto social é quem define como devem ser produzidos os enunciados. Dessa forma, a língua nessa concepção não é concebida como um mero sistema de signos e regras, mas, sim um complexo heterogêneo, dinâmico e imutável que ganha sentido nas interações entre os indivíduos, e que, nessas interações, são exigidas sempre uma função para que a língua se concretize.

Destarte, é sabido que os estudos referentes à língua são de interesse da Linguística, todavia, é a sua ramificação, a Sociolinguística, que se interessa pela relação entre língua, sociedade e variação linguística. A Sociolinguística surgiu nos anos 60 com os estudos de William Labov, ele foi um dos principais teóricos a tratar da questão da variação e aprofundar os estudos nesse campo. A perspectiva sociolinguística se opõe às posições teóricas que consideram a língua isolada de seu contexto social. Entre os interesses específicos da Sociolinguística, Mollica (2008, p. 10) cita “contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança”. Nesse viés, por variação linguística, entende-se a existência de formas linguísticas alternativas que são empregadas durante as interações dos falantes. Essas formas alternativas são conhecidas como variantes, que estão inseridas dentro do âmbito da variação, como explicita Bezerra (2011).

Como afirma Bagno (2007a, p. 36), a língua é “heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução”, assim, vemos que a variação é uma característica própria de qualquer língua. Ainda referente à variação linguística, Paim (2019) reverbera que:

Tudo é diverso no universo. Inclusive, os usos da língua. Em todas interações, os usuários da língua convivem com a variação, que é uma propriedade inerente a qualquer língua (viva)

e pode observar-se quer sincronicamente, manifestando-se quer como diversidade dialetal ou sociolinguística, quer historicamente, revestindo, então, a feição de mudança linguística. Os dois tipos de variação encontram-se imbricados, sendo as variações dialetais ora vias de acesso ao passado da língua (oferecidas ao observador contemporâneo) ora manifestação de novas mudanças. (Paim, 2019, p. 29)

Por conseguinte, nota-se que a diversidade é uma realidade inegável. Se a sociedade é diversa, a nossa língua também será, pois é a partir do meio social que a língua provém e ganha sentido. Assim, é perceptível que é a manifestação da variação linguística não configura uma desordem ou um aspecto negativo da língua, mas, sim, ressalta a dinamicidade e heterogeneidade que toda língua viva possui. Nesse contexto, o fenômeno da variação pode apresentar-se em diversos níveis da língua sendo eles o sintático, morfológico, fonético, fonológico, semântico, lexical e estilístico-pragmático. Referente à tipologia da variação, Bezerra (2011) ressalta os tipos de variabilidade que são a Variação Diacrônica, Diatópica, Diastrática, Diamésica e Diafásica.

De modo geral, é perceptível que a variação linguística e a heterogeneidade são conceitos que estão intimamente ligados entre si, tornando a língua, portanto, um sistema vivo. Por isso, existe uma linha tênue entre língua e sociedade, posto que a variação bem como a heterogeneidade da língua decorre das interações sociais dos indivíduos, em outras palavras, decorre da sociedade como parte integrante do sistema linguístico. No entanto, desconsiderar as variações recorrentes na língua, bem como a sua heterogeneidade, leva a termo o preconceito linguístico, desencadeando uma série de aspectos negativos dentro da língua.

3 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Quando ouvimos a voz de uma pessoa sem vê-la, formamos impressões sobre ela. Imediatamente tentamos, na nossa mente, formar uma imagem dessa pessoa, como ela é, seus traços físicos, sua possível faixa etária, se é morador da zona rural ou urbana, entre outros aspectos. Assim, além de gerar hipóteses sobre as características dessa pessoa, de forma subjetiva, avaliamos a sua fala de acordo com certos critérios individuais estabelecidos pelas nossas crenças que resultam nas nossas atitudes linguísticas.

Referente à crença, diversas áreas de conhecimento abordam esse tema em seus estudos, como a Filosofia, Teologia, Psicologia, Sociologia, Sociolinguística, Linguística, dentre outras. Assim, são muitos os conceitos e definições destinados a referenciá-la. De acordo com o Dicionário Michaelis (2019, p. 124), as crenças são definidas como: ato ou efeito de crer; conjunto de ideias religiosas compartilhadas por muitas pessoas; pensamento que se acredita ser verdadeiro ou seguro; certeza, confiança, segurança; conjunto de princípios ou doutrinas religiosas ou místicas que têm valor de verdade para seus seguidores; objeto de uma crença. Em outros termos, a crença diz respeito ao ato de crer e tomar como verdade determinado objeto, sendo este uma ideologia, um fato, um ato, uma ocorrência. Assim, a crença torna-se algo individual à medida que advém das práticas sociais e toma um valor de verdade para determinado indivíduo. Para Barcelos (2007), a crença é:

[...] uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. (Barcelos, 2007, p. 113).

Como afirma o teórico, as crenças são socialmente construídas e situadas contextualmente, isso porque, para que as crenças tenham um valor de verdade, são necessários o meio social e o contexto que dela faz parte, pois, sem ele, a crença adquirirá outras conotações. Conforme as pessoas interagem e modificam suas experiências, são também modificadas por elas. As crenças, então, “incorporam as perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais” (Barcelos, 2007, p. 114).

Dessa forma, a aceitação ou não de outra língua está diretamente relacionada com as crenças que os falantes têm sobre outras línguas e que, conseqüentemente, influenciam na decisão de afirmar se uma língua é bonita ou feia, fácil ou difícil de ser compreendida. Com relação às crenças, Santos (1996, p. 15) afirma: “Crença seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza. [...]”. Assim, vê-se que as crenças estão presentes na vida do homem desde a Antiguidade, e que a existência do indivíduo subjaz a necessidade de acreditar em algo e, no contexto da língua, as crenças estão intimamente ligadas às atitudes linguísticas dos falantes.

Nesse contexto, por atitude linguística entende-se como a reação que um indivíduo tem frente a uma língua ou a uma variante linguística. Tal variação pode manifestar-se através das diversas formas de se dizer o mesmo em uma comunidade linguística, como também pode ser perceptível em uma escala mais avançada como na mudança linguística. Assim, de acordo com Lambert & Lambert (1972, p. 78):

Atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir (Lambert & Lambert, 1972, p. 78).

Nesse viés, como afirma o autor, os componentes básicos das atitudes são as crenças que influenciam diretamente na atitude, os sentimentos e emoções que são subjetivos e moldam de uma certa forma a reação que o indivíduo terá e, por último, a tendência à reação, que nesse caso manifesta-se através da atitude de cada indivíduo. Moreno Fernández (1998, p. 179) define atitude linguística como “uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade [...]”. Nota-se, portanto, que a atitude linguística, nesse caso, parte em primeiro momento do contexto social, isto é, as relações estabelecidas no seio da sociedade também influenciarão as atitudes linguísticas que um indivíduo tem para com o outro. Em outras palavras, a atitude linguística é a reação partindo das crenças sociais dos indivíduos frente à língua dos outros falantes, bem como aos seus usos.

Desse modo, entende-se a atitude linguística, portanto, como uma maneira particular de pensar e reagir à variante utilizada por outro indivíduo, e essa variante, por sua vez, foge dos padrões impostos por determinados grupos sociais. Assim, nossas

atitudes são reflexos de nossas crenças, de modo que, se acreditamos que uma determinada variante da língua é “feia”, “ridícula”, “soa mal” oralmente falando, consequentemente teremos uma atitude negativa para com essa variante.

Conforme ressalta Alkmim (2008, p. 42), “podemos afirmar, com toda tranquilidade, que os julgamentos sociais ante a língua – ou melhor as atitudes sociais – se baseiam em critérios não linguísticos: são julgamentos de natureza política e social.” Também, alguns fatores que servem de gatilho para as reações subjetivas dos falantes são alguns aspectos individuais, sociais, culturais e psicológicos. Nesse viés, toda atitude negativa voltada a um grupo social, além de advirem das crenças individuais e critérios subjetivos, parte do meio social, pois o preconceito social se reflete no linguístico, fato que desencadeia diversas atitudes linguísticas negativas frente às variedades não padrão da língua portuguesa.

De modo geral, as atitudes linguísticas pautadas nas crenças individuais dos indivíduos e de sua reflexão acerca do outro, tornam-se “as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado” (Tarallo 1985, p.14). Assim, com o intuito de manifestar sua reação de diferença e identidade perante os outros, marcando o outro como diferente, bem como a outra variante como distante da sua, automaticamente o indivíduo estará criando uma barreira de diferenciação identitária tanto socialmente como linguisticamente falando.

4 ESTEREÓTIPO, ESTIGMA, PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Em um mundo que vive em constante processo de estratificação social, os falantes de variedades linguísticas não prestigiadas são identificados por meio de uma demarcação estigmatizada, que pode se manifestar através de afirmações como: “quem não sabe a norma-padrão é pobre”, “os nordestinos não sabem falar português”, “as pessoas que não têm instrução falam tudo errado”. Tudo isso resulta na ideia de que, se a variedade do sujeito é “errada”, ele é incapaz, fazendo com que silencie sua voz diante da sociedade.

Nesse sentido, o estereótipo linguístico parte de uma base cognitiva, ou seja, está mais ligado às crenças. Trata-se de uma generalização desfavorável, exagerada e simplista, revelando-se, no âmbito sociolinguístico, nos rótulos atribuídos a determinada variedade ou a seus falantes. Na maioria das vezes, não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e, por último, vemos. Tendemos a perceber a realidade através do que já foi estabelecido para nós, através das nossas crenças e nossa cultura. Assim, ao tentar enxergar o outro, muitas vezes, o fazemos com uma visão estereotipada, ou seja, com uma visão exagerada sobre determinado aspecto. O mesmo ocorre no âmbito da língua, que frente a uma outra variante, muitas vezes a estereotipamos, marcando-a com um olhar linguístico-social negativo. Labov (2008, p. 360) ensina que estereótipos “são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade”. Assim, entende-se o estereótipo como um discurso metalinguístico voltado a uma língua ou a uma variante linguística.

Os estigmas linguísticos, segundo Goffman (1988, p. 13), é um “atributo profundamente depreciativo”, de modo que o indivíduo (falante) estigmatizado (imperfeito, inferior) é vítima de preconceitos, de discriminações. Assim, os estigmas

linguísticos são na verdade formas utilizadas no meio social para diferenciar e inferiorizar as variantes que se diferem da variante padrão da língua. Em outros termos, entende-se o estigma como uma ação de marcar negativamente uma variante linguística, marcação essa que vai desde o meio social até o linguístico, levando em consideração que os julgamentos no meio social são refletidos no linguístico. Dessa forma, carregar um estigma linguístico significa, então, carregar uma marca que identifica negativamente o falante e, por isso, geralmente ele procura escondê-la, devido à tendência de que muitos indivíduos tem de considerar certas formas de linguagem como inferiores, inadequadas ou menos prestigiadas em comparação com outras.

O preconceito linguístico, por sua vez, resulta da estigmatização de uma variante, posto que, ao marcá-la como inferior às demais, os usuários automaticamente iniciarão uma série de juízos de valor sobre essa determinada variante. Assim, o preconceito linguístico surge a partir dos julgamentos e juízos de valores referentes à língua, impondo valores como “certo” ou “errado” diante das formas linguísticas que se apresentam nas interações dos falantes. O preconceito linguístico pode ser entendido como uma confusão que se criou ao longo do tempo no que se refere à língua e à Gramática Normativa, como expõe Bagno (2007b). Muitos falantes acreditam que a Gramática Normativa e a língua são seres unificados, o que leva a crer que primeiro criou-se a gramática e, posteriormente, surgiu a língua, algo que sabemos que não é verídico, como também sabemos que a Gramática Normativa depende exclusivamente da língua e não o contrário. Dessa forma, entende-se que a estigmatização é mais forte que o preconceito, embora os dois conceitos possam, às vezes, ser tomados como sinônimos. Segundo Bergamaschi (2006, p. 46): “o estigma vai além do preconceito, é mais forte e mais inibidor. Este termo remete a atitudes negativas, que marcam o estigmatizado para o resto da vida”.

Bagno (2015, p. 12) afirma que “o preconceito linguístico é algo sem fundamento resultado da ignorância, intolerância e manipulação ideológica”. Não há nenhuma evidência científica que explique e justifique o preconceito linguístico, sendo ele, portanto, fruto da ignorância e do juízo de valor de um falante para com o outro. Ademais, Bagno (2010, p. 16) corrobora que “o preconceito linguístico não existe. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social”. Se pararmos para refletir, veremos que o preconceito linguístico está totalmente associado à pessoa e sua posição na sociedade, pois os julgamentos feitos no âmbito social se refletem no âmbito linguístico, por isso, segundo o autor, o preconceito linguístico é antes social do que propriamente linguístico.

Nesse viés, são nas redes sociais que podemos vislumbrar manifestações e visões jocosas referentes ao uso da língua, pois com os grandes avanços da tecnologia, bem como as novas redes sociais que vêm adentrando à sociedade, percebe-se uma grande adesão por parte dos usuários que cada vez mais utilizam essa tecnologia para a comunicação, entretenimento ou também para monitorar as escritas e as falas de outros usuários, como esclarece Pereira (2022). Referente à língua, há uma enorme defesa de um “português sacro”, através das diversas críticas e, por vezes, ataques às formas consideradas “erradas”. Acerca desse anteparo, Bagno (2015) o denomina como “Paranoia ortográfica” que é uma obsessão e preocupação com a forma, quando um professor de português se depara com um texto e, logo, nele, busca erros. Sabemos, no entanto, que essa preocupação com a forma não parte somente dos professores de Português, mas, sim, atinge todos os usuários

das redes, sendo esse fato, fruto de uma educação pautadas nos moldes tradicionais em que o foco na forma, bem como nas regras gramaticais é superiorizado em relação ao aspecto funcional da língua.

Com respeito a essas ocorrências, Faraco (2008, p. 25) afirma: “(...) a mídia, como que possuída por um dever moral de corrigir a suposta incúria, desleixo e ignorância dos falantes brasileiros, encampou com sofreguidão esse discurso categórico: se pôs ao lado dos ‘paladinos da Sra. Dona Norma Culta’”. Muitos profissionais da área de Letras, como também outros usuários das redes tendem a apontar o que é “certo” ou “errado” no uso da língua, ditando, portanto, como os falantes de português, que obviamente sabem a sua língua materna, devem usá-la durante as situações comunicativas. Nesse sentido, além de impulsionar a falsa crença de um português homogêneo, esses indivíduos impulsionam, também, a crença da unidade entre língua e gramática, pois como afirmam Bezerra e Pimentel (2016):

A “defesa” da língua é um empreendimento sempre abraçado por pessoas que se decidem a (re) agir contra usos linguísticos que a seu ver ameaçam “assassinar”, “deturpar” ou ainda fazer “regredir” o idioma. No âmbito da Internet, essas iniciativas corporificam-se em sites e blogs e aplicativos de diversas naturezas. (Bezerra e Pimentel, 2016, p. 741).

É perceptível, portanto, o caráter conservador nas redes sociais daqueles que almejam proteger a língua da deturpação e regressão, como se as variantes e formas linguísticas de alguns falantes fossem corromper a língua, causando a sua regressão e, por fim, sua extinção, o que está longe de realmente acontecer.

5 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, de natureza explicativa e abordagem qualitativa, direcionamos nosso olhar para a rede social Facebook, objetivando analisar e descrever as crenças e atitudes linguísticas manifestadas através de comentários dessa rede social, com o intuito de evidenciar as reações subjetivas diante das variações que se apresentam no âmbito virtual. A escolha por essa rede social deu-se por entender que o Facebook é uma plataforma que permite a interação direta através de comentários, “curtidas” e compartilhamentos de informações com outros usuários. Assim, no Facebook há diversas páginas voltadas para o estudo e discussão sobre a Língua Portuguesa, o que ressalta a importância de analisar as reações subjetivas externadas através dos comentários de internautas sobre a língua portuguesa e a variação linguística. Nesse sentido, os comentários foram retirados das páginas “Português só para quem gosta”, “Português dominado: gramaticalize-se” e a página “Erros de digitação”.

A análise dessas imagens se dará baseada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística variacionista, e nos estudos de Lambert & Lambert (1972) e Moreno Fernandez (1998) sobre as crenças e atitudes linguísticas. Referente à perspectiva teórica, apoiamos-nos em Geraldi (1984) para compreender os conceitos de língua e linguagem. Bagno (2007); Bezerra (2011) e Paim (2019) para compreender sobre variação, variante e heterogeneidade linguística; Barcelos (2007) e Santos (1996) para compreender a definição

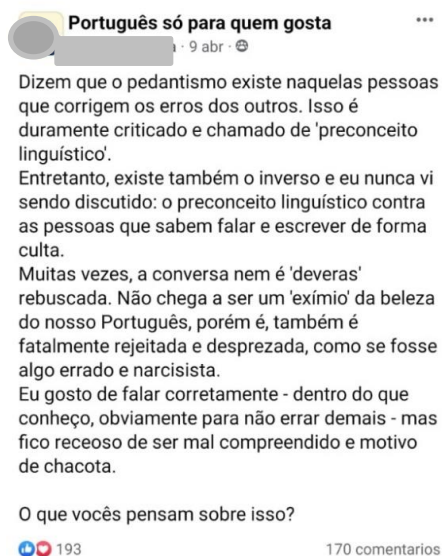
de crenças. À luz das teorias de Lambert & Lambert (1972), Moreno Fernandez (1998), discorreremos sobre as atitudes linguísticas.

A escolha desse campo de estudo justifica-se pela necessidade de refletir as interações que ocorrem no âmbito digital, posto que durante as interações encontra-se com facilidade o preconceito linguístico embutido nos discursos dos usuários. Nesse viés, observou-se, em algumas postagens na rede social descrita anteriormente, a ocorrência do preconceito linguístico tanto em comentários de algumas postagens, assim como em algumas discussões de determinados assuntos. A escolha do método qualitativo para essa pesquisa se deu pela necessidade de analisar as atitudes linguísticas em um cenário natural de maior ocorrência, nesse caso as redes sociais.

6 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES E COMENTÁRIOS

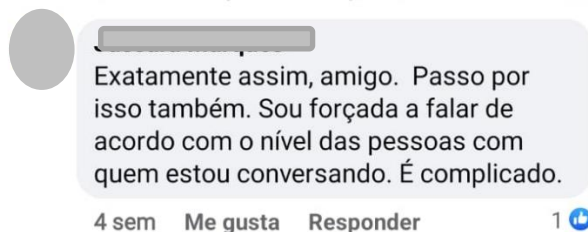
Nesta seção, são apresentadas cinco postagens, com alguns comentários de usuários, objetivando analisar as manifestações das crenças e atitudes linguísticas nesses textos.

Figura 1 – Publicação sobre o preconceito linguístico reverso



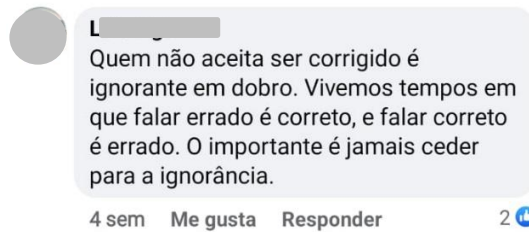
Fonte: Grupo do Facebook “Português só para quem gosta”.

Figura 2 - Comentário sobre o preconceito linguístico reverso



Fonte: Grupo do “Facebook Português só para quem gosta”.

Figura 3 - Comentário sobre o preconceito linguístico reverso



Fonte: Grupo do “Facebook Português só para quem gosta”.

A figura 1 trata-se de uma postagem feita no grupo “Português só para quem gosta” referente à temática do preconceito linguístico, e “preconceito linguístico reverso”. Segundo o autor da postagem, ainda que pouco discutido, há preconceito linguístico contra aqueles que dominam a “norma culta” de forma satisfatória. Em primeiro momento, é válido ressaltar que norma culta e norma padrão não são sinônimos. Segundo Faraco (2008, p. 73), Norma Culta é o “conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”, e a Norma Padrão “é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística”. Além disso, é válido considerar que as manifestações de preconceito ocorrem contra minorias que não estão de acordo com algum padrão estabelecido, nesse caso, os grupos que não utilizam a variedade padrão da língua. Assim, há que considerar que o preconceito linguístico não irá ocorrer contra pessoas que utilizam a Norma Padrão, mas, sim, contra aqueles que não as utilizam.

A norma padrão muitas vezes é associada a prestígio social e, em alguns contextos, pode facilitar a comunicação em ambientes mais formais. Pessoas que dominam a norma padrão podem se beneficiar em termos de oportunidades educacionais e profissionais. Em termos linguísticos, certas formas de fala podem ser percebidas como mais prestigiosas do que outras, dependendo do contexto cultural e social. Assim, em muitas sociedades, o uso da Norma Padrão é frequentemente associado a um maior prestígio social, especialmente em situações formais, acadêmicas ou profissionais. Dessa forma, dominar a Norma Padrão pode ser considerado um sinal de educação formal e status social. O prestígio linguístico refere-se à valorização atribuída a uma variedade específica de uma língua. Em muitos casos, a norma padrão é a variedade linguística que goza de maior prestígio. Essa variedade é muitas vezes ensinada nas escolas e utilizada em contextos formais, como na mídia, na literatura e em documentos oficiais. É importante destacar que a associação entre prestígio social e norma padrão não significa que outras formas de fala sejam inferiores. Essa percepção muitas vezes leva a preconceitos linguísticos, nos quais as variedades não padrão são estigmatizadas, como podemos visualizar no comentário da figura 1.

Referente à figura 2, trata-se de um comentário da postagem da figura 1. O indivíduo que teceu o comentário inicia ressaltando que está de acordo com a temática do “preconceito linguístico reverso”. Ainda, esse mesmo indivíduo ressalta que é forçado a falar de acordo com o nível de outras pessoas para estabelecer a comunicação. Segundo

essa pessoa, adequar-se ao nível de fala de outras pessoas é extremamente descabível, pois nota-se que o correto seria manter o seu nível de fala. No entanto, levando em consideração as desigualdades sociais que se refletem no linguístico, as pessoas se comunicam de acordo com variedades linguísticas distintas, em função do grau de instrução de cada indivíduo. Há que lembrar que a variação linguística é sistematizada, o que evita o caos linguístico, como afirma (LABOV, 2008 [1972]). Nesse contexto, nota-se na figura 2 a superioridade do internauta ao tercer o comentário em questão. Em muitas sociedades, o domínio da Norma Padrão é associado a uma educação formal mais extensa. Pessoas que foram educadas em ambientes que valorizam e enfatizam o uso da norma padrão podem internalizar a ideia de que falar bem está ligado a um nível mais elevado de educação e sofisticação. A pressão social para se conformar às normas estabelecidas pode influenciar a atitude de algumas pessoas em relação à sua própria forma de falar e a dos outros. Assim, a conformidade com as normas sociais pode criar uma sensação de pertencimento e superioridade em relação aos que não seguem essas normas. Em alguns casos, as pessoas que se destacam na norma padrão podem usar isso como uma forma de validar suas próprias realizações, criando uma sensação de superioridade como uma forma de compensar inseguranças ou buscar validação social.

A figura 3, por sua vez, reflete a ignorância acerca do preconceito linguístico, pois segundo o indivíduo da figura 2, todos devem aceitar ser corrigidos, e quem não o aceita, é ignorante. Percebe-se nesse comentário a crença de certo x errado nos usos da língua, e que o falar errado estaria relacionado com a ignorância dos indivíduos. Não obstante, o indivíduo afirma que “falar correto é errado, e falar errado é correrto”, ressaltando uma posição bastante incisiva quanto às pessoas que utilizam variantes diferentes da variante padrão. Dessa forma, nota-se tanto na figura 1, como na figura 3, uma atitude linguística negativa frente à manifestação da variação linguística, uma vez que esses dois indivíduos, pautados em suas crenças individuais sobre a língua, pregam a homogeneidade linguística.

Figura 4 – Publicação sobre expressões

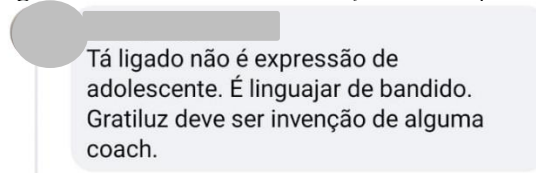


" Tá ligado?''', " Gratiliz"

Eis duas expressões que odeio mais do que quiabo. E a coisa fica mais intragável quando adultos ficam soltando constantemente o famigerado " Tá ligado?", expressão largamente disparada por adolescentes. Em ambos os casos, a irritação prevalece. E o que dizer do deprimente " Gratiliz"? Melhor nem dizer. E para vocês, quais expressões despertam ódios latentes?

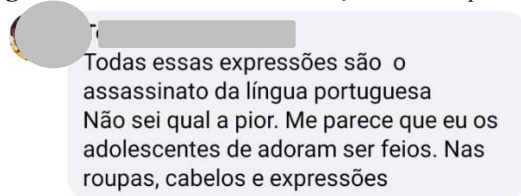
Fonte: Grupo do Facebook “Português só para quem gosta”.

Figura 5 – Comentário da Publicação sobre expressões



Fonte: Grupo do Facebook “Português só para quem gosta”.

Figura 6 – Comentário da Publicação sobre expressões



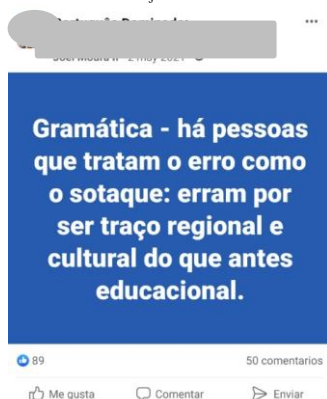
Fonte: Grupo do Facebook “Português só para quem gosta”.

A figura 4 aborda a temática das expressões, e o internauta que fez a publicação ressalta o seu descontentamento frente a determinadas expressões. Assim, vê-se na figura 4 que o indivíduo acredita que as expressões são aspectos maléficos e que podem prejudicar a língua portuguesa. De modo geral, sabe-se que as expressões são aspectos importantes dentro de uma comunidade de fala, ou seja, as expressões, muitas vezes, funcionam como marcadores identitários de quem as usam, levando em consideração que determinadas expressões pertencem a determinados grupos sociais. Assim, vê-se as expressões como formas alternativas para expressar os mais diversos recursos linguísticos, como, por exemplo, “tá ligado”, que pode funcionar como um marcador conversacional em um contexto informal. Nesse viés, nota-se na figura 5 uma generalização equivocada, ao afirmar que a expressão “tá ligado” é um linguajar de bandido, e “gratiluz”, invenção de algum *coach*. Dessa forma, baseado em sua crença de que as expressões são o assassinato da língua portuguesa, a atitude linguística expressa através desse comentário reflete a estereotipação frente a uma expressão linguística, posto que a expressão em destaque não é de uso marginal, mas, sim de muitos indivíduos em contextos informais de fala.

Ainda, em uma posição negativa, o comentário da figura 6 generaliza que todas as expressões são o assassinato da língua portuguesa, como se nos contextos diários, os usuários não utilizassem nenhuma expressão. Assim, nota-se o desconhecimento da população sobre a língua, pois devido a uma concepção tradicionalista arraigada na sociedade de que a língua é tão somente a Gramática Normativa, as pessoas levam adiante a concepção de que língua se resume a regras padronizadas e estáticas, não havendo espaço, portanto, para os fenômenos naturais linguísticos. Dessa forma, muitas pessoas podem ver a língua principalmente como uma ferramenta de comunicação prática, sem explorar sua complexidade e diversidade como um fenômeno cultural e cognitivo. Algumas pessoas podem não estar cientes da diversidade de línguas e das diferentes variedades linguísticas que existem, incluindo dialetos, gírias e registros formais e informais. Ainda, Mitos culturais ou estereótipos sobre certas línguas ou sotaques podem levar à falta de compreensão sobre a diversidade linguística e perpetuar ideias equivocadas

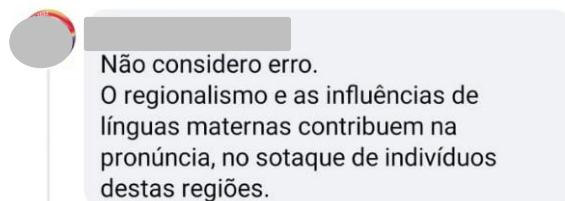
sobre a superioridade de algumas formas linguísticas em relação a outras. Além disso, vê-se, também, no comentário da figura 6, a estereotipação externada através de uma atitude negativa, ao afirmar que os adolescentes adoram ser feios em suas roupas, cabelos e expressões, como se as expressões linguísticas dos adolescentes fossem “menos bonitas”, “inferior” a uma outra considerada como bonita e superior, nesse caso, a variante padrão. Dessa forma, nota-se, nesses dois comentários, que as crenças tomadas como verdade universal influenciaram a que esses indivíduos tivessem uma posição negativa frente à temática das expressões, ou seja, a crença em uma língua pura, estática e passível de assassinato, como mostra o comentário 6.

Figura 7 – Publicação sobre erro na língua



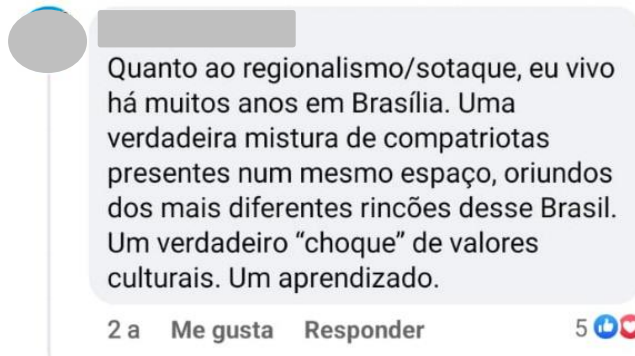
Fonte: Grupo do Facebook “Português dominado”.

Figura 8 – Comentário da publicação sobre erro na língua



Fonte: Grupo do Facebook “Português dominado”.

Figura 9 – Comentário da Publicação sobre erro na língua



Fonte: Grupo do Facebook “Português dominado”.

Na postagem da figura 7, é possível verificar alguns equívocos por parte do internauta que publicou a postagem. Em primeiro momento, o internauta afirma que algumas pessoas tratam erro como sotaque. É sabido que a noção de erro diz respeito às diversas formas de se dizer o mesmo que se distanciam do modelo padrão da língua, ou seja, o erro para algumas pessoas pressupõem uma forma engessada e imutável da língua, existindo, portanto, uma variante, sendo esta a padrão. Dessa forma, erro e sotaque não há como se homogeneizar, posto que o sotaque tem a ver com a prosódia das línguas, e erro refere-se às normas dessas línguas. Em segundo momento, nota-se uma afirmação generalizadora: “erram por ser traço regional e cultural”. Assim, o erro é visto como algo proposital, em que as pessoas o utilizam como traço de sua região e cultura. Dessa forma, as variantes linguísticas em seus diversos níveis cedem lugar ao erro, posto que para esse indivíduo do comentário 7, as pessoas erram de forma deliberada.

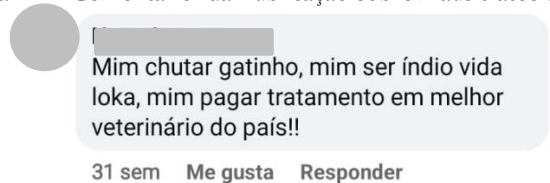
No entanto, indo em posição contrária do que afirma a postagem, os comentários 8 e 9 ressaltam uma atitude linguística positiva frente ao “erro” e aos regionalismos existentes. O internauta, que teceu o comentário da figura 8, externa uma atitude linguística positiva ao reconhecer que não existe erro na língua, e resalta os aspectos que contribuem com as pronúncias regionais. Também, coadunando com comentário da figura 8, o comentário da figura 9 resalta a heterogeneidade da língua através da afirmação de que em Brasília, seu lugar de morada, há muitos sotaques e regionalismos no repertório de pessoas de diferentes lugares do Brasil, o que representa a diversidade da língua portuguesa e a diversidade do povo brasileiro.

Figura 10 – Publicação sobre maus tratos de gatos



Fonte: Grupo do Facebook “Erro de digitação”.

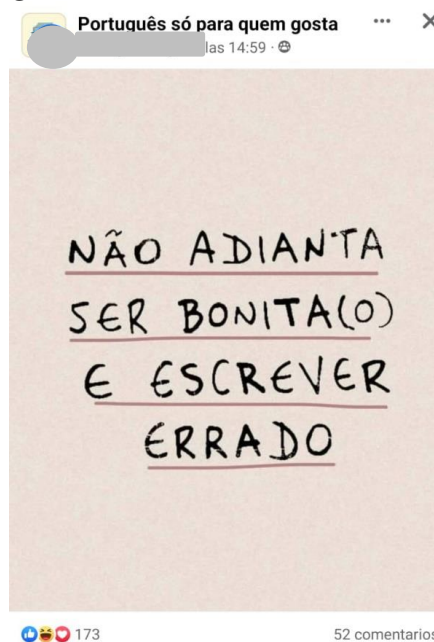
Figura 11 – Comentário da Publicação sobre maus tratos de gatos



Fonte: Grupo do Facebook “Erro de digitação”.

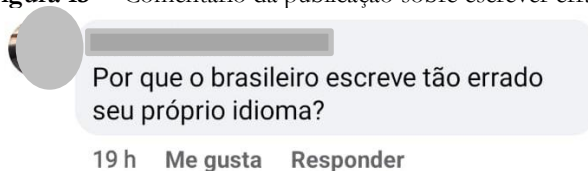
A figura 10 é uma postagem em que a intenção de quem escreveu é conscientizar sobre os maus tratos aos gatos. No entanto, nota-se a troca do pronome oblíquo átono “me”, pelo tônico “mim”, o que é bastante frequente entre alguns indivíduos. Além disso, na figura 10, em sua legenda, na parte superior, vê-se a frase “mim ser gato índio”. Ademais, em um dos comentários dessa postagem, na figura 11, um internauta comenta com a frase: “mim chutar gatinho, mim ser índio vida loka”. Tanto a legenda como o comentário revelam como os estereótipos estão presentes na língua. Nota-se, portanto que está arraigado no imaginário popular a crença de que o uso do pronome “mim” faz parte da variante utilizada pelos indígenas. É comum muitos indivíduos associarem a troca do pronome “me” pelo “mim” aos indígenas, como se essa fosse sua marca linguística majoritária. Não obstante, sabe-se que isso não passa de estereótipo, posto que os indígenas não falam dessa forma, inclusive, muitos deles têm a sua própria língua, o que invalida a afirmação de que os índios utilizam tal forma para expressar-se. Assim, a legenda da figura 10 e seu respectivo comentário ressaltam e evidenciam a presença do estereótipo e, conseqüentemente, a estigmatização de uma língua ou uma variante.

Figura 12 – Publicação sobre escrever errado



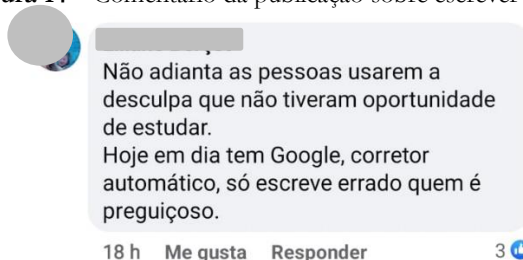
Fonte: Grupo do Facebook “Português só para quem gosta”.

Figura 13 – Comentário da publicação sobre escrever errado



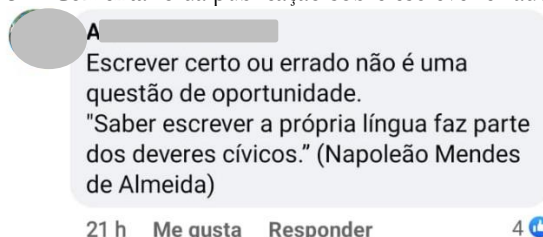
Fonte: Grupo do Facebook “Português só para quem gosta”.

Figura 14 – Comentário da publicação sobre escrever errado



Fonte: Grupo do Facebook “Português só para quem gosta”.

Figura 15 – Comentário da publicação sobre escrever errado



Fonte: Grupo do Facebook “Português só para quem gosta”.

A figura 12 é uma postagem que induz a reflexão sobre as características físicas que um indivíduo possa ter relacionado a sua escrita. Assim, na tentativa de responder o questionamento da postagem, o internauta da figura 13 traz outro questionamento: “por que os brasileiros escrevem tão errado seu próprio idioma?”. Como resposta simples muitos podem afirmar que “é porque esses brasileiros não sabem o seu próprio idioma”. Será que essa afirmação procede? Como bem se sabe, a norma padrão é um modelo idealizado de língua que não corresponde a nenhuma variante linguística falada no meio social, o que implica dizer que a forma com que as pessoas falam naturalmente a língua, é a forma como a língua se apresenta. Assim, não é que o brasileiro não saiba o seu idioma, pelo contrário, ele sabe, mas; para ser aceito socialmente por determinando grupos, ele precisa conquistar a variante padrão da língua.

Além disso, ainda referente à noção de erro, o comentário da figura 14 ressalta uma uniformidade educacional, como se a realidade educativa fosse a mesma para todos. No entanto, sabe-se que as condições de educação, em algumas regiões do país, são bastante precária, principalmente em famílias que, infelizmente, precisam abdicar dos estudos para trabalhar e conseguir o sustento. Também, é válido ressaltar as desigualdades sociais que afetam diretamente os grupos sociais, essas desigualdades, por sua vez,

dificultam a vida de muitos indivíduos e, conseqüentemente, dificultam, também, as oportunidades de estudos. Assim, a generalização de que a falta de oportunidade de estudo é “desculpa”, como fez o internauta da figura 14, mostra como a sociedade ainda não compreende as desigualdades e a realidade social existente. Nesse viés, o indivíduo da figura 14 mostra, através de seu comentário, uma atitude linguística bastante negativa, ao afirmar que “só escreve errado quem é preguiçoso”, não levando em consideração as condições de vida e estudo que determinado indivíduo possa ter durante a sua vida.

Ainda, coadunando com o pensamento da figura 14, a figura 15 evidencia um comentário bastante ignorante, ao afirmar que a escrita nada tem a ver com as oportunidades que um indivíduo possa ter. Assim, as condições de educação a que um indivíduo é submetido é totalmente negada por esse usuário da figura 15, pois, para ele, todos, sem exceção, devem saber escrever bem a própria língua, como se o domínio da escrita se concretizasse com tão somente a vontade de querer aprender. Nesse viés, é possível verificar, nos comentários das figuras 13, 14 e 15, atitudes totalmente negativas frente às variedades da língua que se apresentam nas falas de grupos minoritários.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo de caso objetivou analisar e descrever as atitudes linguísticas manifestadas em comentários da rede social Facebook. Nesse viés, partindo das análises feitas, notam-se, com grande incidência atitudes negativas frente às variações linguísticas, pessoas que se colocam na posição de corrigir a escrita/fala de outros indivíduos com o dever de “salvar a língua da deturpação”, que seriam nesse caso as variantes da língua portuguesa. Dessa forma, é perceptível que muitos usuários das redes ainda estão presos a uma concepção de língua como instrumento de comunicação, ou seja, um amontoado de signos que se combinam para “viabilizar” a comunicação. Assim, com essa concepção imbricada no pensamento popular, muitos indivíduos tendem a enxergar a língua como tão somente a Gramática Normativa, em outras palavras, como se a língua fosse imutável e engessada, não existindo variação em seus níveis linguísticos.

Nesse viés, ao assumir a concepção de que língua é gramática, muitos indivíduos levam adiante a noção de erro, como pode ser observado nos comentários das imagens, como se os próprios brasileiros que falam o português, não soubessem a sua própria língua, o que seria contraditório. Além disso, muitos indivíduos, de forma direta ou indiretamente, externam uma atitude negativa pautadas em suas crenças sobre a língua frente à variante utilizada por outra pessoa, e algumas dessas atitudes não se dirigem ao que é falado ou escrito, mas sim a quem fala ou escreve, o que vai ao encontro do que ressalta Bagno (2010) que o preconceito é antes social do que linguístico. Assim, pelo fato de as redes sociais serem um ambiente democrático em que, hoje, muitos usuários podem interagir com outros internautas, de forma simples e rápida, as escritas desses usuários tornaram-se objetos de avaliação, de forma que as variantes não prestigiadas e estigmatizadas são alvos de preconceito linguístico na rede social Facebook. Dessa forma, como bem ressaltam Bezerra e Pimentel (2016), a defesa da língua é um empreendimento que muitos abraçam, objetivando a salvação da língua nacional, mesmo que para essa

defesa o internauta tenha que menosprezar, estigmatizar e até estereotipar outras variantes linguísticas, assim como os indivíduos que fazem uso delas.

Por conseguinte, diante das atitudes negativas expressas nos comentários, ainda em que em uma escala menor, notam-se atitudes positivas, em que determinadas pessoas reconhecem a heterogeneidade, dinamicidade e o aspecto mutável da língua, o que contribui para a desmistificação do erro linguístico e, conseqüentemente, a viabilização das variantes estigmatizadas do português falado no Brasil. Assim, percebe-se que as atitudes linguísticas manifestadas pelos internautas; advêm, em primeiro momento, de suas crenças, já que, de certa forma, elas influenciam as reações subjetivas dos indivíduos, desencadeando atitudes negativas ou positivas, como observado na análise que aqui foi feita. Essas crenças, por sua vez, são construções individuais, mas também sociais, uma vez que o pensamento popular pode manipular as crenças de um grupo, como pode ser constatado através das atitudes negativas expressas pelos internautas. Nesse viés, diante das variações linguísticas expressas na rede social Facebook, nota-se, com grande incidência, o preconceito linguístico advindo de atitudes negativas de indivíduos que inferiorizam e estigmatizam a variante utilizada por outros indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v. 1, 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: **por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007^a.
- _____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007b.
- _____. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. **Preconceito linguístico**. 56. ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte - UFMG, v. 7, n. 2, 2007, p. 109-138.
- BERGAMASCHI, M. C. Z. **Bilingüismo de dialeto italiano-português**: atitudes linguísticas. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.
- BEZERRA, B. G. Letras: **Sociolinguística**. Recife: UPE/NEAD, 2011.
- BEZERRA, B. G; PIMENTEL, R. L. **Normativismo linguístico em redes sociais digitais: uma análise da fanpage Língua Portuguesa no Facebook**. *Trab. linguist. apl.* [online]. 2016, vol.55, n.3, pp.731-755. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/Jfz7nZ5s6KVyvjjmqvmj34N/?lang=pt>>. Acessado em: 11 set. 2022.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Londres: Cox & Wyman, 1976 [1933].

CHOMSKY, Noam.. **Reflexões sobre a Linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1976.

DENZIN, N; LINCOLN, Y. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (org.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FARACO, C. A. **O internetês e a constante mutação da língua portuguesa**. In: Notícias da UFPR. Curitiba: UFPR, abril/2007, ano 7, n. 40, p. 16-17.

_____. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2002.

GERALDI, J. W. **Concepções de linguagem e ensino de português**. In: GERALDI, João Wanderley (org.). O texto na sala de aula; leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Márcia Bandeira de Melo Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A, 1963. 2. edição 1988.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, W; LAMBERT, W. **Psicologia social**. Trad. Álvaro Cabral. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MARTELOTTA, M. (org.). **Manual de Linguística**. 2a Ed. São Paulo: Contexto, 2011.
MICHAELIS - moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 22 abr. 2021.

MOLLICA, M C. Fundamentação teórica: **conceituação e delimitação**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-14.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

PAIM, M. M. T. **Tudo é diverso no universo**. Salvador: Quaterro, 2019. p. 130

PEREIRA, A. M. **Normativismo e Preconceito Linguístico**: a impulsão de um Português homogêneo e imutável nas redes sociais. Trabalho de conclusão de curso

(Licenciatura em Letras Português e Espanhol) – Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata, p. 30. 2022.

SANTOS, E. **Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino de língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. 24^a ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006.

SEARLE, J. R. **Speech Acts New York:** Cambridge University Press, 1969.

SILVA, Giseli Veronêz da; KARIM, Jocineide Macedo. Preconceito e normativismo linguístico: uma análise de participações de internautas em páginas de redes sociais. **Revista ECOS**, [S. l.], v. 26, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/4167>. Acesso em: 28 nov. 2023.

SOUZA, I. F. F.; SILVA, F. B. **“Português da depressão”, humor ou preconceito linguístico?** Um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas em redes sociais digitais. Anais do 29^o encontro Anual de iniciação científica, Maringá, 2020. Disponível em: <http://www.eaic.uem.br/eaic2020/portal/index.php?op=trabalhos&pagina=62>

SOUZA, T. F. **Normativismo e preconceito linguístico nas redes sociais: O posicionamento dos internautas no instagram a respeito do uso da língua.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2022.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1985

Vygotsky, L. S. (1989). **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes.